

Grupo pesquisa novo

André Dusek/AE

Para seus integrantes, mundo vive crise estrutural e modelo econômico e social está esgotado

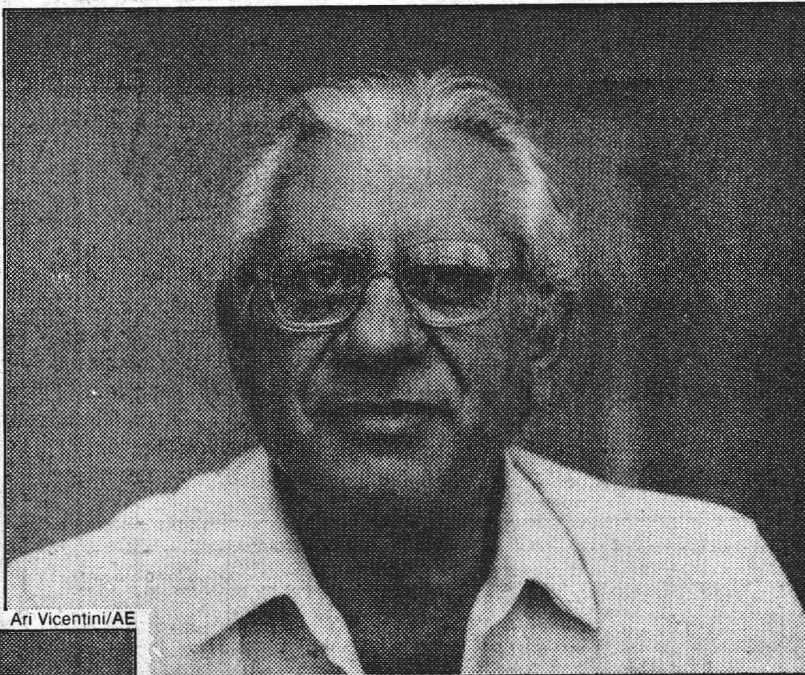
CARLOS MOTTA

Uma vez por mês, uma espécie diferente de gourmets se reúne no tradicional restaurante A Toca, no bairro de Perdizes, na Capital. O que leva lá essas cerca de 30 pessoas não é nem de longe qualquer prato que possa sair de sua cozinha. A fome desses sociólogos, médicos, engenheiros e professores é de outro tipo: na verdade, são de um grupo que busca ampliar os estudos que fazem há vários anos individualmente e há dois de maneira mais formal. O campo de reflexão é o futuro da civilização, a partir da constatação de que o mundo vive uma crise estrutural e que o modelo econômico e social está esgotado.

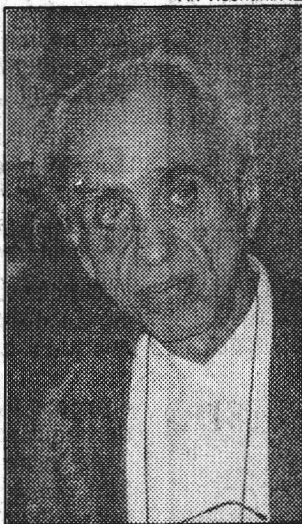
O grupo se deu o nome de Movimento Humanismo e Democracia, ou, como seus integrantes simplificaram, o MHD. Começou com seis pessoas. Hoje, além do núcleo da Capital, tem outro, menor, em Belo Horizonte, e há esperança de formar mais um em Florianópolis. Nas reuniões da Toca ouvem e debatem com um convidado. O caldeirão ideológico que o forma reúne egressos do PPS, PMDB, PSDB e PDT. Não é um movimento neutro. Quem faz parte dele não aceita o neo-liberalismo ainda em moda e nem o marxismo pré-queda do Muro de Berlim.

Mas se engana quem pensa que o MHD é o núcleo de um novo partido político. Não. Sua pretensão, de certo modo, é maior. Quer que suas idéias influam de fato no núcleo de decisão do País. Seja uma escola de pensamento, ou, como preferem dizer seus membros, uma "usina de idéias". Já tem atuando um braço operacional, o Ipso, ou Instituto de Pesquisas e Projetos Sociais e Tecnológicos, para o qual se prevê muito trabalho na preparação de projetos para empresas. Por enquanto, a atuação do instituto resultou em um livro — *A Revolução Tecnológica e os Novos Paradigmas da Sociedade* —, de vários autores e espécie de apresentação das idéias do MHD. Um segundo volume está pronto e deve sair até julho.

Crise de modelo — Os ensaios reunidos no livro e a ideia-mestra que leva adiante o trabalho do MHD partem da constatação de que se esgota no mundo o modelo de produção que desde o século passado tem garantido o crescimento econômico de algumas nações e a miséria de muitas outras. As grandes responsáveis pelo colapso desse sistema indus-



Ari Vicentini/AE



Betinho: falta a cidadania

Rezka: é impossível criar 12 milhões de empregos

trial manufatureiro têm sido a informatização e a robótica, ou, em síntese, o avanço da ciência e da tecnologia. Cada vez mais se dispensa mão-de-obra, intelectual ou manufatureira. O novo sistema de produção da riqueza não se baseia na mão-de-obra direta e isso provoca desemprego — o desemprego estrutural. Acaba a possibilidade do pleno emprego. As demandas sociais sobrecarregam o Estado.

Algumas soluções são tentadas, como a redução das horas de trabalho. Mas o ponto fundamental é que não se criam mais empregos. Ao contrário, o aperfeiçoamento tecnológico produz reduções drásticas de vagas. Um exemplo: cerca de 30 mil teares modernos seriam suficientes para atender a toda a demanda por produtos têxteis no País, só que hoje existem 150 mil teares funcionando no parque industrial. Se ele fosse modernizado, qual o destino dos trabalhadores que sobriariam?

"É possível criar 12 milhões de empregos, como disse pretender o candidato do PSDB à Presidência?", pergunta o coordenador-geral do MHD, o ex-deputado estadual Antônio Rezka, também diretor administrativo e financeiro da Fundação Seade. "É claro que não", se apressa em responder. "A crise indica o fim de uma era da civilização e contém os elementos de gênese de um novo processo de civilização." É preciso todo o cuidado para que essa civilização que surge como produto do desenvolvimento científico não aprofunde ainda mais a desigualdade en-

tre os homens. Para isso o conhecimento precisa ser socializado e o poder democratizado.

Papel do Brasil — Essas reflexões dão a Rezka a certeza de que está mais do que na hora dos agentes do poder no Brasil começarem a pensar no tema. O desemprego aumenta, o mercado num país de 150 milhões de habitantes se resume a 30 milhões de pessoas. Ações como a Campanha Contra a Fome, idealizada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, são meritórias, mas, segundo Rezka, insuficientes. "Além de pão, é preciso distribuir cidadania e dignidade." A elite, afirma, tem de entender que a luta política não passa mais apenas pelo controle do Estado. Passa também pelo controle das instituições econômicas. E que não se pode retardar o desenvolvi-

mento tecnológico do País pelo simples fato de que é impossível deter o progresso.

O Estado incapaz de atender às demandas sociais que ficam maiores com a recessão; a questão agrária colocada em termos que não se resumam apenas em distribuir pedaços de terra; o crescimento da economia marginal ou ilícita e a sua transfor-

mação em um Estado paralelo. Para Rezka, essas são algumas questões que não podem mais ser ignoradas pela sociedade brasileira, na ótica da crise estrutural que vive o mundo. "O Brasil ainda tem um papel a desempenhar no mundo", afirma. "Precisamos de uma ideia-força que nos guie, tal como a de que temos tudo para sermos uma potência continental, pois é preciso que haja pólos de equilíbrio no continente e no sul só o Brasil pode assumir esse papel." Mas, tem certeza, isso só pode ocorrer em um novo Estado, porque este está falido.

MHD
PRETENDE SER
UMA ESCOLA DE
PENSAMENTO
OU UMA
"USINA DE
IDÉIAS"

modelo econômico